

A tetralogia virtuosa: prólogo ou a procissão dos leprosos



POR

João Gonçalves

Jurista

JN

26.09.2022

Draghi, de saída do Governo italiano, mais do que qualquer um dos nossos pobres ministros das Finanças, foi, na verdade, quem nos salvou de grandes sarilhos e infelicidades com a política de compras, do BCE, de dívida pública nacional. Depois dedicou-se à política doméstica enquanto nós, por cá, continuávamos naquela orla de falso dourado até que sobreveio a pandemia. A sra. Lagarde, que o substituiu, persistiu nas ditas compras, mas o programa começou a ter os dias contados. Coetânea com a pandemia, que a OMS ainda não declarou extinta, apareceu no início do ano corrente a nossa velha conhecida inflação. Lagarde, bem como praticamente todo o sistema financeiro internacional, desvalorizou. Por outro lado, as cadeias de distribuição do comércio internacional “empancaram”, algumas, literalmente em alto mar. Iam, e vão, navios cheios de fantasmas, como intuiu, certo, Céline. Entretanto, em Fevereiro começou a

guerra na Ucrânia. A inflação, que tinha sido desconsiderada, aumentou. O centro da Europa habituado a importar gás da Rússia, e a Inglaterra, sobretudo, os mais aguerridos neste conflito – ao lado da Ucrânia e em matéria de sanções impostas à Federação Russa –, começaram a sofrer o efeito boomerang das represálias económicas contra Putin. A União Europeia, que já vinha amplamente atordoada e nula de trás no seu “extremo-centrismo”, independentemente das cores partidárias dos respectivos governos “liberais”, juntou-se toda nesta espécie de procissão de leprosos, conduzida, a partir do outro lado do Atlântico, por uma não menos atordoada Administração Biden. Aliás, na ONU, Biden desfiou um conjunto de malfetorias da Rússia que se julgaria estar ele a contar a própria história “diplomática” dos EUA nos últimos sessenta anos. Ora “esta lepra que nos mata” – a expressão é de 1943 e pertence à filósofa Simone Weil

– como que “atacou” as democracias liberais ocidentais gerando, como referi, citando Manuel Maria Carrilho em “O que aí vem”, esta imensa procissão de leprosos que carregam às costas o fardo da mediocridade das suas elites políticas e o seu próprio, agora famosamente inflacionado, quer no sentido económico do termo, quer pelas circunstâncias ocorrentes aceleradas, todas, no pior sentido em 2022. Carrilho lança na quarta-feira o seu segundo livro daquilo a que quero chamar “a tetralogia virtuosa”, “A democracia no seu momento apocalíptico”, precisamente sobre isto tudo. O “prólogo” será o “Pensar o que lá vem”, de Janeiro de 2021. A “primeira jornada”, o “Sem retorno”, de Setembro do mesmo ano. A “segunda jornada”, este. E uma “terceira jornada” que se chamará, provavelmente, “Impensar”. É tão raro pensar-se por cá o que interessa que continuo com Carrilho para a semana.

O AUTOR ESCREVE SEGUNDO A ANTIGA ORTOGRAFIA